

A AMERICA

ASSIGNATURAS

CORTE

Anno... 6\$000

PUBLICAÇÃO QUINZINAL, SCIENTIFICA,

LITTERARIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA

ADMINISTRADOR — FILIXO DE ALMEIDA

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Anno... 7\$000

Anno |

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1879

| Num. 3

A AMERICA

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1871.

A LEI DE 28 DE SETEMBRO DE 1870

Todos que encaram a escravidão sob os verdadeiros princípios sociais e de justiça, com os olhos reconhecem que a lei de 28 de Setembro de 1871 é uma ideia mutilada.

Em sua integra esta ideia ha longo tempo proclamada pelos pensadores philanthropos da Europa e da America é a abolição do captivo. Generosa e humanitaria no seu todo, assim fizeram a lei em parte, mas em parte iniqua.

Ella extinguiu, é certo, a origem escrava no paiz, como trinta annos antes outra lei desviara do nosso continente o grande manancial de captivos derivado da costa d'Africa; mas conservou os escravos, prolongou sem termo a escravidão, entregou exclusivamente á acção do tempo, isto é, á acção da morte, da philanthropia particular e de um imposto destinado a emancipação, o remate de uma obra que ella pudera deixar de uma vez para sempre consagrada e completa em seus capitulos como reparação plena e necessaria de um direito natural violentamente usurpado, de seculos de ultrajes e injustiças praticadas contra uma raça infeliz a quem criminalmente se degradou na servidão forçada.

Lei de verdadeira justiça e regeneração social; lei redemptora e ponto de partida de uteis transformações domesticas e economicas selou hia a de 28 de Setembro, se o espirito nimiamente conservador dos homens de estado de nosso paiz os não tornasse tão avares mesmo quando desejam ser liberais e se dispõem a abalar uma instituição barbaça ha muito condemnada e que só no direito da força teve assento.

O grande defeito da lei é ser incompleta, é ser uma meia medida, é não se haver elevado á altura do seculo.

A sua iniquidade é beneficiar a quem havia

ainda nascer, deixando sem tempo na desgraça a quem ja era nascido e supportava a escravidão.

Deste modo, por muitas dezenas d'annos adiou a lei a cura radical desta medonha pustula social. Assim continuaram ainda por muitos annos os effeitos perniciosos desta enfermidade que tanto ja tem damnificado a sociedade brazileira; continuará esse sombrio eompisso cenario de toda a especie de trafico, abusos, crimes e torpezas que mais e mais se tem desenvolvendo, offorecendo-nos as scenas vergonhosas e deprimentes de que no este capital nos dá numerosos e eloquentes testemunhos que consternam ou indignam os corações susceptivos do sentimento do bem.

Por todos os modos imaginaveis ha sido explorada a escravidão no Brazil, especialmente no Rio de Janeiro.

Alem do trafico entre as provincias, trafico que a lei deixou de pé como todos os demais, desencadeou-se o espirito da mais sordida ganancia e levou-se ao requinte o abuso do pretendido direito de propriedade servil. Entre as industrias novas, cada qual mais immoral e repugnante exercida com os escravos, nasceu a de comprar e tomar em aluguel raparigas novas, bem parecidas, alguns isóvbas virgens, e estabelecer as na prostituição, locupletando-se com o seu ganho e accumulando fortunas essas almas vis e negrecadas, á custa da perversão a que obrigam pobres mulheres captivas.

Que hedionda industria!

A lei nada disto preveniu. Quiz tanto respeitar a falsa propriedade do homem sobre o homem, que ao menos não se ennobrecer acautelando a moral social e a dignidade humana abandonadas a merce de uma classe de traficantes d'escravos.

Todavia, accida com applausos de muitos essa lei como um progresso, emboça manco, como um bem, ainda que partido, convinha, afim de suavisar os effeitos de sua falta, ou antes do erro que representa, que a sua execução fosse a mais completa, que as suas promessas fossem rigorosamente cumpridas.

Eis sobre o que nutrimos serias duvidas, eis o que devemos de examinar em outro artigo.

Temos dois pontos cardinaes, o fundo de emanação e os ingenuos.

Sobre elles recabamrã nossas repates.

A MOEDA E SEUS DERIVADOS

GOLPE DE VISTA GERAL E HISTORICO

Lições d'abertura do curso de Economia politica no Polytechno de França

por Michel Chevalier

O assumpto do qual me proponho occupar-vos este anno é aquelle da moeda. E' simples, variado e eu diligenciarei mostrar-vos, cheio d'interesse. E' possível tratar n'esta occasião da maior parte das grandes questões que abraçam o territorio da Economia politica: de fôrma que eu poderia fazer-vos um curso geral ao mesmo tempo que trataria d'um negocio especial.

O assumpto da moeda recomenda-se tambem de preferencia, na parte que me fará lugar a fixar a vossa attenção sobre um accidente pathologico, de genario mais serio, que affecta todas as transacções publicas e privadas d'um grande numero d'estados dos mais consideraveis, q'ero dizer o papel-moeda. Esta grave perturbação da hygiene financeira e commercial apresenta-se hoje no imperio da Russia como na vasta republica d'America do Norte, no imperio d'Austria como n'aquelle do Brasil, no reino d'Italia como nas republicas Platinas, e os primeiros symptomas revelam-se igualmente na nossa cara França.

Possa eu, por todas estas razões, entreten-do-vos assim da moeda, e encarando-a comvosco sob seus differentes aspectos, conseguir despertar em vós o gosto da sciencia economica tão pouco cultivada até hoje na nossa patria!

Para tomar as cousas pelo principio, a moeda é uma incoção, mais do que isso, uma instituição social que tem seu ponto de partida n'um dos principios attributos da especie humana, n'um de seus moveis os mais fecundos, os mais energicos e os mais diversos por seus effeitos, n'uma de suas maiores forças, a saber: a sociabilidade.

O homem tem isto de distincto e de superior no meio da natureza inteira, que elle é incomparavelmente do todos os seres aquelle que tem mais necessidade dos outros, e reciprocamente, e

que, ao mesmo tempo, experimenta a maior sede de independencia. O celebre philosopho Aristoteles deu do homem uma definição que vem a propósito: que elle é ao mesmo tempo essencialmente pessoal e essencialmente social. Estes dois termos, que parecem contradictorios, podem entretanto conciliar-se muito bem, e a arte de pô-los d'accordo é o segredo do successo e da felicidade para os individuos e para as nações.

A sociabilidade humana manifestasse sob diversas fôrmas. Foi ella que provocou a formação d'ordens as aggrimações d'individuos que apparecem no quadro da civilisação, desde a familia que é o primeiro em data, e mais elementar em numero dos agrupamentos possiveis, até aos corpos de nações e ás confederações, nas cadeias das quaes muitos povos se envolvem ao mesmo tempo. E' ella que dá naissance aos affectos mais puros e mais generosos, ao amor reciproco dos pais e dos fillos, ao patriotismo, á caridade que se denomina christã, porque o ebristianismo levou-a a limites até então desconhecidos. E' ella que suscita a dedicacão sob todas as figuras que pôde tomar. Restringido-nos aos factos que são da competencia da economia politica, eu poderia mencionar todas as variedades d'associação no trabalho, para a producção da riqueza, para a administração e emprego de capitães, assim como para o consumo. O numero d'estas associações, as fôrmas que ellas podem revestir e os objectos aos quaes ellas se applicam, augmenta cada dia. Mas, para entrar no amago do assumpto que nos deve occupar, assignalar-vos-hei com insistencia uma outra manifestação da sociabilidade que renasce a cada instante, tanto mais que a vida é mais civilisada e mais completa. E' a permuta.

Por uma excepção que a colloca não só á parte, mas acima de tudo o resto da criação da qual a divina Providencia povoou o nosso planeta, o homem é o unico animal que pratica a permuta. A proporção sobre a qual elle se entrega a este acto, logo que elle sahe das faxas da selvageria e que se embrenhou nas vias da vida collectiva e civilisada, é indefinidamente crescente.

Ora, a moeda veio ao mundo em seguida á permuta e por causa da permuta. O homem teve necessidade da moeda porque elle precisava permutar e que cada dia essa necessidade se lhe tornava mais visivel. A moeda desenvolveu-se, aperfeioou-se, augmentou-se com annexos e

accessorios engenhosos e uteis, porque o homem tem o desejo de engrandecer sem cessar o espaço no qual elle se entregava á permuta, a vontade de que ella abrangesse successivamente a superficie inteira do planeta, e porque lhe importava no mais alto gr.º facilitar sob todos os aspectos esta operação inherente á sua propria natureza.

A importancia e a influencia da moeda estando na razão directa da importancia e da influencia da permuta, é opportuno que eu fosse um pouco mais prolixo sobre a parte que esta desempenha na vida do individuo e no funcionamento da sociedade.

Se quizerdes ter o trabalho d'analysar a existencia do homem moderno, e mais especialmente do habitante das cidades, ficareis admirados da frequencia com que a permutaahi apparece. Não fallemos só d'aquelles que se chamam os felizes da terra e que têm as satisfações mais apparentes de que profundas da opulencia e do fausto. Está convencionado que aquelles põem em contribuição todo o universo. Ha muito tempo que se disse: para elles, as minas de Goleconda e do Brasil fornecem o diamante; para elles, os mercaderes das paragens as mais distantes do Oceano vão procurar as perlas no fundo das aguas; para elles, os tecelões e os tintureiros da India fabricam chales inimitaveis; para elles, os mineiros do Novo-Mundo procuram o ouro nas alluviões ou o arrancam das entranhas da terra.

Fixemos antes as nossas vistas não sobre o proprio artista, mas sobre o homem de trabalho, d'intelligencia inculta, que não vale senão pela força de seus musculos e que forma a classe a mais mal aquinhoadade nossas sociedades. Actualmente, acha-se este homem, seja pela via directa, ou indirecta, em relação de permuta, em primeiro lugar com um grande numero de habitantes da mesma cidade, depois, com outros da maior parte das provincias do seu paiz; com os seus semelhantes das regiões estrangeiras, dos continentes e das ilhas as mais afastadas.

No seu vestuario mesmo muito modesto, na sua mobilia embora grosseira, no seu sustento mais do que simples, não são unicamente os seus vizinhos, nem os seus concidadãos dos outros bairros da cidade, não são unicamente os seus compatriotas dos quatro pontos cardaes, não são unicamente os paizes vizinhos e a Europa de que elle obtem o concurso e a contribuição material por meio dos serviços que elle presta a taes

ou taes membros da sociedade com os quaes elle está em contacto directo e immediato. A Asia, a Africa, a America, a Australia, os archipelagos das Antilhas e de Sunda fornecem-lhes tambem o seu contingente, de que elle têm a compensação. Entre os povos de todas essas regiões diversas e este individuo que adrece ou escolhe na categoria mais humilde, um systema regular de permuta está em actividade por meio d'intermediarias, que continuam, elles tambem, com satisfação das partes contractantes, e recebem, em troca de seus trabalhos e cuidados, uma remuneração de uns e outros.

(Continua)

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARCE

Caixas economicas, caixas economicas escolares, escriptorios d'economias das fabricas e officinas.

III

Historico summario da instituição

Da mesma forma que tem acontecido a muitas instituições sociais modernas, especialmente para a sala de asylo, a sociedade de socorros mutuos, a caixa dos asylos da velhice, a primeira ideia da caixa economica nasceu em França, devendo ter ido desenvolver-se no estrangeiro e organizar-se n'uma forma precisa e methodica.

Em 1661, um Francez, Hugo Delestre, doutor em Direito, conselheiro do Rei, tenente civil no tribunal de Langos, publicou em Paris o « Plano d'uma caixa para recolher e fazer fructificar as economias do servo ou serva e de qualquer outro mercenário que aluga ou engaja o seu trabalho por um anno ou a dias ». O projecto é formulado com disposições tão precisas e tão engenhosas, com respeito ás questões relativas ao juro, ás epochas de reembolso, etc., que se julgaria ler os estatutos d'uma caixa economica de nossa epocha. A obra é dedicada á rainha—mãe regente, e colloca-se sob o patronato do cardeal de Perron e do Chanceller de França Nicolau Brulant de Sillery; o que faz pensar que elle foi muito conhecido dos homens d'Estado da primeira terça parte do seculo XVII, tão fecundo em homens de valor.

Entretanto esta ideia ficou então letra morta, reaparecendo no seguinte seculo, n'um artigo

da Encyclopædia de Diderot, encontrasse depois, e sempre sem resultado pratico, no *Escritorio de economia* instituido em 1787, e na *Camara d'accumulação de capitães e juros compostos* de Feuchère; depois, em 1793, no artigo 1.º da lei de 19 de Março de 1793, indicando o projecto d'uma *caixa nacional de previdencia*; e por fim no artigo 5.º da lei de 24 de Junho (5.º mez) anno VII, lei regulamentar do Banco de França, e que estatua ao Banco abrir uma *Caixa de rendimentos e de economias*.

A ideia franceza de 1614 tivera melhor fortuna no estrangeiro.

O primeiro estabelecimento organizado de forma regular e de caracter preciso para recolher e fazer produzir as pequenas economias do povo miúdo parece ser o serviço creado em 1778 na cidade livre de Hamburgo, como serviço annexo do estabelecimento de previdencia de Hamburgo. (*Neunte selbststandige Classe der Kersorgungsanstalt in Hamburg*).

De lá propaga-se a caixa economica a Obtenbourg, 1786; a Kiel, 1796; a Göttingue e a Altona, 1801; a Lauf, 1806; — na Suissa, a Berne, 1787, *Caixa dos creados (Dienst-Casse)*; a Coire, 1790; a Zurich, 1805; a Bâle, 1809, etc.; — na Suecia, a Bromo, 1818; — na America, nos Estados-Unidos, a Boston, em 1816.

Em 1797, o celebre economista inglez Jeremy Bentham publica o plano d'uma caixa de previdencia que elle denomina *Frugality Bank*, e que é exactamente a caixa economica de Hugo Delestre, tal como hoje a comprehendemos.

Em Tottenham, na Inglaterra, em 1798, uma senhora bemfazeja, escriptora distincta, presidente d'uma sociedade de beneficencia de mulheres, instituiu como annexa d'este estabelecimento uma caixa para as mulheres e creanças da Aldeia de Tottenham; e esta caixa, muito interessante, era ao mesmo tempo sociedade de soccorros mutuos, caixa de depositos, seguro sobre a vida, caixa economica e mesmo *peuny bank*.

Em 1804, este banco de previdencia popular foi reorganizado pelos cuidados d'um membro do Parlamento, M. ^{Eardley} Wilmot.

Em 1799, um caritativo reitor de parochia, o Rev. J. Smith, de Wendover, creou para os seus parochianos uma pequena Caixa economica admittindo as pequenas sommas a partir de dois pence (81 réis) e gratificando todo o deposito d'um dom igual á terça parte da economia.

Em 1806, a *Provident Institution* de Londres, companhia de seguros, estabeleceu uma caixa economica.

Em 1808, foi aberta em Bath por uma sociedade de senhoras, uma Caixa para receber as economias das creadas. Em 1810, o Rev. H. Duncan, ministro de Ruttwell (Escocia), fundou a sua *Parish Bank*; banco de parochia, do qual a organização simples e regular deu a primeira forma pratica á instituição.

A instituição desenvolveu-se pouco a pouco por todo o Reino-Unido, que em 1816 possuía 58 estabelecimentos d'esta ordem.

Em 1817, este desenvolvimento dos *Saving Banks* (é o nome consagrado em Inglaterra) chamou a attenção do Parlamento: um *Act* d'esse anno regulou as condições d'erecção e de funcionamento das Caixas economicas; essa lei despertou um grande interesse sobre todo o continente; e sob a influencia da paz de 1816 e do movimento economico que d'ahi partiu, as Caixas economicas multiplicaram-se em Inglaterra e nos outros paizes da Europa; em 1818, Berlim, Paris, Rotterdam, e Stuttgart; em 1819, em Metz, Vienna (Austria), Amsterdam, Heusburg (Schleswig), etc.

Foi assim que 1818 voltou á França, arranjada em instituição methodica, a ideia que um Francez tinha concebido em 1614, dois seculos antes.

A 22 de Maio de 1818, por iniciativa de dois Francezes dedicados aos progressos sociaes (La Rochefoucauld-Liancourt e Benjamin Delessert), uma sociedade anonyma, composta de 20 administradores ou accionistas da Companhia real de seguros maritimos, constituiu-se sob a denominação de « Caixa economica e de previdencia de Paris »; e este estabelecimento foi organizado sobre o modelo dos *Saving Banks* d'Inglaterra.

Caixas economicas analogas foram fundadas em 1819 em Bordeaux e em Metz, em 1820 em Rouen, em 1821 em Marselha, Nantes, Troyes, Brest, etc.

Os administradores d'essas sociedades anonymas compunham-se dos fundadores, e deviam completar-se, em caso de vagatura, por eleição, disposição que se tem mantido em algumas Caixas economicas, mas que é hoje geralmente substituida por uma organização onde os administradores são eleitos pelo conselho municipal e presididos pelo *maire*.

Os administradores d'essas sociedades anonymas constituiram, por donativos, um fundo de

instituição e um fundo de garantia. Elles recebiam e administravam sob sua responsabilidade as economias depositadas. Esta responsabilidade cedo os inquietou; elles tinham querido praticar um acto generoso de dedicação publica, mas não para o garantirem illimitadamente com a sua fortuna, e pediram que o Estado, em consideração pelo interesse publico, se encarregasse da gerencia dos depositos; o que foi concedido por um decreto do dia 3 de Junho de 1829, authorizando as Caixas economicas a depositar em conta corrente os seus fundos no Thesouro; e mais tarde fez mais e ainda melhor. Uma lei do dia 31 de Março de 1837 substituiu ao Thesouro, como gerente d'esses fundos, a Caixa dos depositos e consignações, estabelecimento autonomo, independente do governo, e directamente sujeito ao parlamento, que se tornou assim o vigia e como que o gerente supremo dos fundos das economias do povo.

D'esta maneira foi dada aos depositantes a maior garantia possivel, em França, pela gerencia da Caixa dos depositos e consignações, da mesma forma que em Inglaterra pela gerencia analoga do *National Debt Office*.

A 15 de Junho de 1835, uma lei, que é a primeira organica das nossas Caixas economicas, fixou as bases de organização e de funcionamento d'esses estabelecimentos que desde logo se tornaram estabelecimentos de utilidade publico sempre independentes uns a respeito dos outros, mas bastante uniformes para que o depositante d'uma Caixa pudesse commodamente fazer transferir o seu deposito para outra Caixa; estabelecimentos dotados, além d'isso, de privilegios especiaes, em razão de seu character de pura utilidade publica.

Uma lei de 22 de Junho de 1845, restrictiva da lei de 1835, reduzia o maximo de cada caderneta, de 3.000 fr. a 1.500 fr. para o capital, e a 2.000 fr. para o capital augmentado com os juros; uma lei de 30 de Junho de 1851 reduziu o maximo de cada caderneta a 1.000 fr. Em todos os outros paizes da Europa e da America, o maximo é mais elevado; é de 5.000 fr. em Inglaterra, e trata-se d'um novo bill que alargaria ainda mais estes limites.

Essas restricções em França foram determinadas pelo receio das difficuldades de reembolso em epocha de crise, difficuldades que, em 1848, pelo facto de medidas inconsideradas, tinham determinado um grande panico, e, por conse-

guinte uma liquidação quasi completa das Caixas economicas. Essas difficuldades foram menores em 1870; ellas acharam-se mesmo perfeitamente palliadas em Paris, graças a uma disposição adoptada em Outubro de 1870, sobre nossa indicação, pelo ministro das finanças: foi sufficiente separar os reembolsos segundo as necessidades immediadas dos depositantes e tambem d'accordo com as possibilidades do depositario. Esta disposição, assim experimentada felizmente em França em 1870, está desde muito tempo inscripta na legislação de quasi todos os paizes da Europa e da America, e denomina-se justamente a « Clausula de salvaguarda ». D'aqui, o depositario não se obriga a entregar os depositos senão em prazos ascendentes, que tornam o reembolso sempre possivel, e ninguém tem mais que receiar as crises nem a tener medidas imprevistas e arbitrarías talvez deploraveis, e que tem pelo menos o desagradavel character de violar o contracto firmado entre o depositario e os depositantes. Em tempo ordinario, o depositario não prevalece da clausula de salvaguarda; elle reembolsa sem prazo, á vista mesmo, toda a quantia exigida. Em muitos paizes da Europa e da America, muitas vezes e fortemente experimentados pelas crises (Austria e os Estados-Unidos, por exemplo), essa clausula salvou as Caixas economicas e consolidou o credito popular d'esses estabelecimentos. E é por isso que, em 1875, quando o Parlamento italiano votou a lei Sella, lei nova sobre as Caixas economicas, elle adoptou a clausula de salvaguarda, como uma disposição leal e sabia indicada pela experiencia dos outros povos.

Um decreto de 1852, publicado em forma de regulamento da administração publica, e uma instrução ministerial de 4 de Junho de 1857, e ditada de concerto pelo ministro da agricultura e do Commercio e o ministro das finanças, regula detalhadamente a vigilancia, a operação e a contabilidade das nossas Caixas economicas.

(Continua.)

A IGREJA E A INSTRUÇÃO

O poderio dos grandes povos da antiguidade, as empresas gigantescas que foram obra sua, a vastidão deste mesmo poderio, a multiplicidade e a variedade dos dominios sobre os quaes elle se exerciton são para nós outros tantos motivos de admiração.

Para esses povos, a guerra, as sciencias, as letras, as artes não tiveram segredos; parece que até aqui nós temos quasi exclusivamente aperfeiçoado as suas descobertas.

Esses povos foram fecundos em homens celebres que se illustraram, uns pelas suas virtudes, outros pelo seu genio; e a historia apresenta-nos um grande numero de factos que, segundo a expressão de Montesquieu, causam admiração ás nossas pequenas almas. □ 1

Entre as numerosas causas dessa superioridade, Montesquieu distingue uma no genero d'educação usada pelos antigos povos: essa educação, nunca foi desmentida.

Hoje, pelo contrario, o que vemos ou o que ouvimos desde que, deixando os bancos do collegio, entrámos na sociedade, não é senão o que temos aprendido quer seja no collegio, quer seja no seio de nossa familia. Isto, diz Montesquieu, provém de alguma forma, do contraste que ha entre nós, entre as convenções da igreja e as do mundo: cousas que os antigos não conheciam. □ 2

Desejando dotar a creança com conhecimentos variados, numerosos, vastos, e ao mesmo tempo adquiridos com rapidez, os legisladores modernos restringiram tanto quanto puderam a parte do ensino religioso, ensino que, dizem elles, faz perder tempo, e por isso mesmo desvia a attenção de estudos mais importantes.

De forma que a creança, instruida á pressa, da lei religiosa conserva apenas uma lembrança. Esta lembrança, semelhante a um signal traçado sobre poeira, apaga-se ao primeiro sopro deste vento de incredulidade do qual o reinado parece ter-se firmado.

A religião, apenas admitida na escola, está geralmente excluida da sociedade.

Entretanto, é em grande parte á religião e aos seus ministros, que os povos do Occidente devem o que elles são.

Se chegou até nós a sciencia da antiguidade, se as nações novas puderam penetrar a sciencia dos antigos povos e transfigurá-la de tal maneira que ella parece maior e mais brilhante; se, muitas vezes, os sabios do mundo christão têm igualado, excedido mesmo os genios da Grecia e de Roma, é ao christianismo que nos somos devidores.

No tempo em que para a nobreza era uma gloria ignorar tudo menos a guerra, no tempo em que o povo punha toda a sua ambição, para escapar á servidão, ou para garantir-se contra os seus rigores, o clero, no silencio dos conventos applicava-se ao estudo da sciencia antiga e á conservação dos seus monumentos.

«O precioso deposito fructificou entre as suas mãos; nós o encontramos intacto e mesmo augmentado d'um grande numero de trabalhos notaveis.»

O clero ainda fez mais.

Em lugar de conservar exclusivamente para si esta sciencia que era realmente sua, pois que elle unicamente tinha sabido recolher-a, em lugar de guardar com um cuidado egoista e ciumento, os trabalhos mais recentes dos Padres, trabalhos que lhe pertenciam por direito de successão, e ainda mais por direito de conquista, elle excitou os seculares, ao conhecimento dos documentos da historia, da philosophia, da grammatica, e das mathematicas.

E como para estudar é necessario ter meios que dispensem um trabalho lucrativo, o clero abec as suas fileiras mesmo aos mais pobres.

Desde logo foram abertas numerosas escolas e criadas sabias Universidades.

A historia dos esforços da Igreja para instruir os povos pode resumir-se em algumas paginas; e para encontrar a instrução obrigatoria e gratuita, não é preciso levar esta historia até 1880.

(Continua)

PAULO ANTONINI.

EMILIO CASTELAR

Sabendo quanto é apreciado universalmente, o talento do energico tribuno hespanhol, um dos mais festejados prototypos da democracia contemporanea, entendamos ser agradaveis á maior parte dos nossos leitores, dando publicidade na nossa Revista, ao seguinte discurso do eminente representante do povo hespanhol ás Côrtes de Madrid. A respeito do mesmo tribuno e discurso a que alludimos disse Mr. A. G. = □ □ □ =

« Uma voz faltava ouvir, que, sem echo talvez na camara, devia ressoar na Hespanha e na Europa; D. Emilio Castelar pronunciou a 9 de Maio um discurso onde a mais admiravel eloquencia punha-se ao serviço da mais generosa das causas, a liberdade de consciencia. Se os velhos partidos hespanhóes tiveram os seus campeões no torneio oratorio de Maio de 1876, se a politica do presente ahí foi valentemente defendida, que diremos da grande e forte palavra que precedia e chamava, como por uma irresistivel magia, a Hespanha do futuro? »

A LIBERDADE RELIGIOSA

DISCURSO

Senhores Deputados:

Escutai com toda a attenção que merece o discurso do Senhor Bugalla, discurso profundamente politico, e digno da sua reputação. Tenho prestado tanta attenção que cha-

gui até a votar certos adjectivos, certas advenções, que sem duvida escaparam á penetração da Camara.

O Senhor Bugallal, elevando-se ás alturas sublimes da philosophia da historia, disse-me duas cousas que unicamente quero mencionar. A primeira, é que, apesar da importancia capital da questão que discutimos, que, no fundo, contém em si todo o nosso futuro, a Camara é d'uma indifferença inacreditavel. A segunda, é que respondendo ao seu adversario o Senhor Moyano, elle lançou ao poder dos papas sobre a consciencia humana um Adão que faz comecer dividas. Dividas familiares ainda assim á escola eccliesiastica que, em 1837, annunciava, como verdadeiro astrologo, que o papado e a sua ajuda tinha a barriga cheia para dois annos — — — — — :

Sou-me permitido felicitar o Senhor Bugallal, das reflexões do qual me occuparei mais d'uma vez, e eu entro no debate. Affirmarei antes de tudo que a imperceptivel minoria, que formamos, duas pessoas, que é verdade, representam um grande numero, esta imperceptivel minoria não pode votar a unidade catholica. E isto porque esta unidade é uma utopia reaccionaria, hostil tambem ás leis actuaes, ás exigencias da politica nacional, que não imporia aquella das utopias socialistas. Esta minoria não votará o relatório, da Commissão, que é tolerancia, porque nós não queremos a tolerancia de pessoa alguma o mais imprescriptivel dos direitos naturaes. — — — — —

A minoria combaterá até a morte as ideias, as opiniões, as maximas que venturo d'estes assentos, os assentos tradicionais: ella, combaterá ao mesmo tempo e relatório da Commissão, que tende a estabelecer uma Igreja official, quando nós nunca a temos querido. Nós acreditamos, certamente, é muito sinceramente que o homem é um ser religioso; nós acreditamos muito sinceramente que a sociedade é e deve ser, á imagem do homem, uma pessoa religiosa; mas nós nunca poderemos acreditar que o Estado tenha authoridade para promulgar dogmas, como faz os codigos e as leis. Combatendo a Commissão, nós combatemos tambem a maioria: e nós cravamos na terra a nossa bandeira, que dentro em pouco será a vossa, as nossas doutrinas que bem depressa serão as vossas. Entre a intolerancia intransigente da maioria catholica e a tolerancia hypocrita da maioria eccliesiastica, ha um abrigo, o mais seguro, quero dizer a separação immediata e radical da Igreja e do Estado.

A Camara duvidará, se quiser, mas em tenho o direito de declarar: a paixão mais enraizada na minha alma, é o amor da patria. E para o meu patriotismo, é um grande esforço confessar, mesmo para combatel-os, que tem-se encontrado homens de fé, homens de merito solido, publico e privado, moços eloquentes e sabios, dignos de toda a nossa admiração, que sustentam o direito e a necessidade de manter, na irreflexavel consciencia humana, pelos meios

coercitivos do Estado, os dogmas d'uma só creença; as praticas d'um só culto, os symbolos d'uma só Igreja. Desde que a sociedade existe, com ella coexiste o Estado, quer elle seja patriarcal, theologico, militar, feudal, imperial, monarchico ou republicano: Mas antes do Estado, acima do Estado, antes da sociedade e mesmo acima d'ella, ha uma força: a consciencia, que se revela em cada um de nós desde que o organismo humano apparece sobre o planeta. Sobre o organismo humano brilha um raio mais puro e mais vivo do que o ethar immaculado dos espagos; o raio do espirito. Vós senhores deputados tradicionalistas, vós que sustentais que o Estado imponha ás consciencias dogmas, praticas, cultos, vós sustentaes as fantasias as mais estranhas com as quaes se perde o entendimento humano, o mais terrivel despotismo que tem manchado as paginas da historia.

Se o Estado tem o direito de sustentar uma religião no seu desenvolvimento e a sua duração atavez do tempo, elle tem tambem o direito de fundala, de impola por meio dos seus instrumentos de violencia. E se o Estado tem o direito de impor uma religião, medi comigo o abysmo de vossas proprias ideias e de suas involuntaeis consequencias. — — — — —

Os Pharaós que eram o Estado, tinham o direito de impor a Moysés, que era a consciencia, o culto idolatrea das divindades egypcias; Nabucodonosor, que era o Estado, tinha o direito de perseguir os filios dos Hebraus, que eram a consciencia, e de queimar nas fornalhas de Babilonia, por não ter curvado a cabeça diante dos altares saheistas. Anytas, que no tempestuosa Athenas representava tambem o Estado, tinha o direito de levar aos labios de Sócrates a taga mortal, emadecendo o veneno que a continha esta palavra divina, reveladora da consciencia humana. Pilatos, que era o reflexo de Tiberio, e partindo do Estado tinha o direito de pregar o Christo no patibulo ignominioso dos escravos; Nero e Diocleciano, que eram o Estado, tinham o direito de descer ás catacumbas para interromper as preces exhaladas na humidade do abysmo, no seio das travas; elles tinham o direito de lançar os primeiros christãos aos dentes e ás garras dos animaes ferozes, no meio das applausos d'um povo tão corrompido pelo despotismo dos Cesares, como pela intolerancia religiosa; Carlos IX, que era o Estado, tinha o direito, ao som do sino que tinha annunciado o seu nascimento, e que bem depressa devia annunciar a sua morte, elle tinha o direito de fusilar os seus vassallos associadas numa fé commum, não contra a authoridade monarchica, mas contra a Igreja official; Henrique VIII tinha o direito, com o seu Parlamento cortesaneo, de mudar n'um rasgo de penna a Ilha dos Santos, baptizada e benzida por Gregorio o Grande, em Ilha dos hereticos; o Cossaco do Don, emmissario e representante do czar Nicolau, que julgava ser o Céu e a terra, o papado

e o imperio, o cossaco do Don, tinha o direito de entrar nas igrejas da Polonia e de immolar ao pé dos altares os padres que offerziam a Deos a hostia consagrada em memoria dos mais sublimes dos sacrificios, e que, com a resurreição de Christo, esperavam a resurreição da patria mutilada; sim, todos esses tyranos tinham o direito de reraber na sua frente o oleo mystico de vossas ideias, cumplices que elles eram da justiça divina sobre esta terra opprimida pelo seu despotismo e maculada pelos crimes.

O Estado e a consciencia são duas entidades, necessarias uma e outra á vida social, mas essencialmente differentes, da mesma forma que o estomago e o figado, por exemplo, se me permitis esta baixa comparação, são dois órgãos indispensaveis á digestão, mas essencialmente diversos. O Estado, como já disse, coexiste com a sociedade; elle representa a authority encarregada de executar e de realisar o direito na medida em que o comprehende cada povo e cada seculo. Mas a consciencia é este poder reflectido, superior ao sentimento, á imaginação, superior á intelligencia e á razão, superior ao julgamento mesmo, por meio do qual o espirito comprehende não só a verdade ou o erro de suas ideias, mas tambem a justiça ou a perversidade das acções.

Órgão das relações politicas temporarias, tal é o Estado, órgão das relações religiosas eternas, tal é a consciencia; Quereis vós submitter a consciencia ao Estado? Derrubai então toda a hierarchia das faculdades humanas, e dizei o que se vê com as mãos e o que se apalpa com os olhos. Comprehende-se a existencia do homem fóra do Estado, e mesmo fóra da sociedade; mas, a menos que não esteja louco (e que se não levem em conta as leis racionais nem as leis politicas), comprehendeis vós um homem sem consciencia?

É pois impossivel submitter, como quereis, a consciencia ao Estado. Ah! Nizei-me: ainda mesmo que o Estado venha declarar-vos pelos seus decretos e pelas suas leis que uma religião é falsa, acreditai-o-hicis vós, se a vossa consciencia se oppozesse? Ainda mesmo que o Estado venha dizer-vos que uma religião é verdadeira, se a vossa consciencia diz não, não, preferis vós antes o martyrio do que jurar por essa fé? Está deus! pedindo a unidade religiosa para a Hespanha, o que vós pedis, é a tyranhia dos poderes politicos sobre os poderes eternos moraes e divinos da consciencia humana.

Continúa

EM MARROCOS

Contam os jornaes que a sua magestade o imperador de Marrocos acaba de ser roubado o seu thesouro particular,

composto não só de dinheiro em ouro e prata, como tambem de curiosidades do maior valor. A coisa é possível, mas parece-bos muito difficil explical-a, porque enfim esse soberano autoerata que, como o bey de Tunis, fóra o ultimo elo dos paizes barbaros do seculo, deve estar perfeitamente ao abrigo de todos os ataques dos ladrões. Mas como o facto está affirmado, nós devemos admittil-o como tal.

A cidade de Marrocos tem trinta milhas de circunferencia e está situada no meio de uma planície que dista do mar cerca de vinte e cinco leguas. As muralhas da cidade são flanqueadas d'immensas torres e rodeadas de largos fossos, e as entradas são protegidas por portas e cancellas á moda portugueza. Todos os dias, ao anoitecer, fecham-se as portas. É verdadeiramente excentrico o interior da cidade; não ha alinhamento nas ruas, como não ha monumento algum notavel: o proprio palacio do soberano é uma fortaleza, ou antes uma prisão á semelhança do serralho de Constantinopla. Os muros d'esta residencia têm perto d'uma legua de circunferencia. No recinto, vê-se uma reunião de casas, pavilhões, corpos de habitação, entremeados de pátios e jardins. Por cima d'esta agglomeração confusa domina a torre da mesquita que foi edificada por Mulley-Abdallah. Os numerosos edificios são occupados pelos dignitarios do Estado, e n'um recinto inferior estão alojados os eunucos e as odaliscas. Estas ultimas são negras e brancas. Não é necessario dizer-se que as europeas são preferidas por causa da belleza de sua cor.

No numero d'essas esposas morganaticas do despota marroquino, contava-se ainda ha um mez uma joyen parisiense que, viajando na qualidade de modista, tinha pensado adquirir fortuna indo para Argel. Do lá ella transpoz a fronteira e dirigio-se para Marrocos.

A menina Emma B... era uma moça bellissima, e apercebiua um dia pelo sultão marroquino, este offereceu-lhe a sua mão e o seu coração.

Tal offerta deixou-a um pouco perplexa, mas a nossa parisiense entendeu não dever desprezar a fortuna. Ella accenou, sendo á sua influencia que se deveu a moderação dos costumes do soberano, e, como consequencia, a dos habitantes. A sultana acaba de fallecer. Apesar do véo que usava encobriundo-lhe uma parte do rosto, segundo a moda oriental, adivinhava-se a elegancia do typo da menina Emma B...

A côrte de Marrocos é verdadeiramente muito original. Muito amador da belleza da letra, o sultão marroquino não admítte que haja talento acima d'aquelle que foi illustrado por Brail e Saint-Omer. Um bom copista, é um homem de genio.

A corte imperial de Marracos compõe-se d'um visir, mas são realmente os negociantes ingleses que unicamente dirigem os negocios. Os ministros não são mais do que os secretarios do soberano. Quanto aos officiaes da corte, o seu numero é tão subido, que se não conta. Um d'elles, o Al-kahac é encarregado da montaria; as espingardas, os cães e o pessoal da caça estão sob sua vigilancia.

Não esqueçamos o Tobias — medico e cirurgião, o armeiro, os dois astrólogos e os Ulemas (padres), encarregados de resumir para o imperador; os officiaes da ucharia e os chefes do exercito que é todo composto de negros. Os Mouros são reservados para a cavallaria. O total eleva-se a 40.000 homens. Mas, em caso de perigo, todos os subditos são chamados sob os estandartes do profeta.

O paz de Marracos é uma curiosidade.

A QUESTÃO SOCIAL

Relatorio apresentado ao Congresso de Lausanne, em 27 de Setembro de 1871

POR CH. LEMONNIER

Todos os annos, desde a sua fundação, a Liga tem tido como ordens do dia de seus trabalhos, e ambas na mesma esphera, a questão social e a questão politica por vez, o que Kant não conseguia, que as lutas do campo de batalha não são mais do que uma das formas da guerra que existe por toda a parte entre os homens, e que a verdadeira paz não é possível sem a intelligença, tanto na economia como na politica, do principio da justiça.

As difficuldades do assumpto, a divergencia das opiniões e a ausencia de principios fixos donde se possa deduzir uma conclusão positiva, a paixão que de todo lado se introduz nestas pesquisas, todas estas causas têm até aqui impedido a Liga de tratar de perba a questão, sempre adiada, nunca abandonada, mas também nunca emprehesada nem tratada corpo a corpo.

O esforço empregado em 1868 no Congresso de Berna, depois de um voto solemne, terminou por arrastar a salada de uma minoridade consideravel, e vos talvez não vos tenhamos esquecido da vivacidade dos debates levantados, ha dois annos, em nosso primeiro Congresso de Lausanne.

Os acontecimentos, de que Paris este anno tem sido o theatro, e no meio dos quacs dois membros do Congresso de 1869 perderão a vida, demonstram claramente que a questão social não é dessas que se possam impunemente adiar, o que o dever do verdadeiro amigo da paz não é illudida, mas encarar-a de face e estudal-a com uma calma que nada possa perturbar.

Eis em que termos o primeiro Congresso de Lausanne

trajou ao Congresso que devia seguir a missão que tratamos de cumprir

A questão formulada perante este Congresso foi a seguinte: « Quaes são os meios de fazer desaparecer todo o antagonismo economico e social entre os cidadãos? »

Eis a resolução votada:

« O Congresso declara de novo que a questão social é inseparavel da questão politica; que uma não pode ser resolvida sem a outra; que é do dever da sociedade incessantemente melhorar as condições permas do trabalho e da peronificação, com vista a remediar os abusos sem numero que perturbam a sociedade actual, sem todavia prejudicar a liberalidade do individuo.

« Elle reconhece ta que as condições politicas seguintes são indispensaveis para que uma reforma economica seja effcaz:

« 1º O governo republicano federativo;

« 2º As leis votadas directamnte pelo povo;

« 3º O ensino obrigatorio e gratuito para a parte educadora; gratuita a todos os graus, para os dois sexos;

« 4º Abolição dos exercitos permanentes, substituidos por milicias.

« 5º A abolição de todos os impostos indirectos e a sua substituição pelo imposto directo e progressivo.

« Elle declara enfim que as medidas economicas as mais urgentes são:

« a) A abolição de todo o monopolo industrial e especialmente dos monopulos de transporte;

« b) Em toda a ordem de trabalho, a intervenção do legislador afin de affixar qualquer regulamento particular, que offenda os principios fundamentais do direito commum;

« c) o estabelecimento de syndicatos de toda a ordem tanto para o operario como para os patrones. » □

A guerra tempo impedido a realização do Congresso que se devia abrir em Zurich em 12 de setembro de 1870, o Comité central manteve como ordens do dia do Congresso actual a questão suscitada pelo Congresso de 1869, e o relatorio da Commissão em nome da qual eu tenho a honra de falar.

Esta commissão compõe-se de: M. A. Guig, Naug, Méné, Sauteman, André Rassel, ausente, Simon de Tréves, Ch. Lemonnier.

■ □ □ □ ■ □ □

Todos os debates sobre a questão social: legitimidade do salarido, direito ao trabalho, maneyas de adquirir e transmitir as bens, — herança, legados, — legitimidade do interesse e da renda, relações do capital e do trabalho se concentram sobre este ponto fundamental.

A propriedade individual é legitima? O direito de propriedade deve ser abolido, limitado ou transformado?

Todas estas questões a Economia politica, desde que foi

creada, as tem reivindicado e tratado como se fossem exclusivamente do seu dominio.

De tudo que toca a formação, á distribuição e á consumição das riquezas ella quiz traçar as leis, e estas leis ella pretendem basilar-se sobre a observação positiva das sociedades humanas.

O pensamento de introduzir na economia politica a concepção da justiça, e, o que é muito mais, de introduzi-la como uma regra soberana destinada, ao mesmo tempo, a criticar o trabalho dos economistas e a substituir estes trabalhos por uma sciencia mais completa e mais solidamente constituída, marca, propriamente fallando-se, o nascimento do Socialismo.

Criticar a economia politica, criticar a constituição das sociedades em nome da justiça, é suppor implicitamente que existe uma sciencia superior á Economica e á Politica; que esta sciencia está feita, e que as demonstrações por ella fornecidas podem determinar e regular as reformas.

Esta supposição os socialistas a têm feito; mas, em realidade, esta sciencia superior não está acabada: tem-se fallado muito, muito escripto, desde maio seculo, sobre a Sociologia, sobre a Sciencia social; mas em parte alguma — é a primeira coisa a reconhecer — os principios nem as deducções desta sciencia nova têm sido expostos com um rigor que satisfaça.

Não ha ainda sciencia social.

Os socialistas têm fallado muitas vezes em nome do sentimento, invocando a justiça, a fraternidade, a solidariedade mostrando o contraste doloroso e irritante da miseria de uns que se estendem no trabalho, da riqueza de outros que nadam no luxo, concupiscidos e corruptores pela ociosidade. Outros têm buscado, a exemplo dos economistas puros, na observação, quer da natureza humana individual abstracta, quer no desenvolvimento historico das sociedades, as regras desta sciencia social imperfecta, á qual pedem soluções que, na maior parte das vezes, tem tomado o caracter de puras utopias.

Se bem que seja de hontem (Kant deixou de escrever em 1797), que a moral se tenha podido collocar no terreno scientifico desembaraçando-se do jugo da theologia e da metaphysica, nós pensamos que desde hoje os primeiros principios desta sciencia são bastante livres e de uma demonstração bem positiva, para que nella nos seja possível procurar luzes e entrar, no meos que é ella que deve formar a base da sciencia social.

E', portanto, fazendo considerações tiradas da moral, que nós julgamos dever começar esta introdução á questão social.

III

Ninguém, eu penso, contestará que o dever de todo o homem, considerado isoladamente e, por pura hypothese, sem nenhuma relação com outros homens, seja, assim como

seu instinto e seu interesse, o cuidado de se conservar, de se aperfeiçoar, de desenvolver-se, proseguindo, tanto quanto estiver em si, seus proprios fins.

O soffrimento e o prazer physicos, intellectuales e moraes, a lei moral enfim, ensinam-lhe o primeiro dever e o lhe pellen a cumpril-o.

Ora, a condição fundamental do cumprimento deste dever de conservação e de desenvolvimento é appropriação de uma certa quantidade de cousas pela pessoa para pessoa.

Desde a origem, vê-se, a Moral e a Economia se tocam.

Não só a pessoa humana não pôde subsistir sem uma consumição, isto é, uma destreção absoluta e constante-renovada de um certo numero de cousas, mas ainda não pôde atingir ao seu completo desenvolvimento senão exercendo a faculdade de capitalisação pela qual o homem faz provisões para o futuro e utensilios para o presente.

Este dever de manter-se pela consumição das cousas, de se aperfeiçoar pelo trabalho e pela capitalisação dos fructos do trabalho implica o direito de propriedade. Eu não posso amontoar, não posso transformar, não posso consumir, quando quizer e á minha vontade, senão causas sobre as quaes eu tenha um dominio absoluto.

Deixemos agora de parte a hypothese que tinhamos feito da existencia isolada de uma só pessoa; voltamos á realidade, isto é, á coexistencia de muitas. Aqui a sciencia moral vai dar um grande passo, e a sciencia economica encontrar uma grave difficuldade. Apenas conheciamos os deveres da pessoa para consigo mesma; vamos conhecer agora a reciprocidade dos deveres e dos direitos; vamos ver nascer a idéa de justiça.

Com effeito: este direito de appropriação sobre as cousas que nasce, na pessoa, do interesse que ella tem, do dever que reconhece, de se conservar, de entreter-se, de se aperfeiçoar, a presença de uma ou muitas outras pessoas não pôde destruil-o, mas somente limital-o e complical-o.

Estes seres humanos, estas pessoas que estão aqui em face e ao redor de mim, eu não posso negar-lhes nem o mesmo dever de se conservar e desenvolver-se, nem, por consequente, exercicio de direito que pretendo ter sobre as cousas, porque razão temia eu este direito e este dever sem que ellas os tivessem da mesma maneira que eu?

Sigamos as consequencias: pois que o direito de propriedade é um direito humano, visto como deriva da propria quantidade da pessoa, todo o homem, toda a mulher tem naturalmente direito a exercer a faculdade laboriosa e capitalizadora pela qual torna-se proprietario. Eu não posso pois reivindicar contra elle sem que reivindique contra mim.

No dia em que a raridade relativa das cousas, em que a multiplicação das cousas nos obrigar a contar nos com os outros, levantar-se ha uma alternativa fatal: a paz ou a guerra? a exterminação ou a associação?

Se se escutar a razão, como nos é facil fazel-o, a nós que meditamos e conversamos nestas alturas serenas do peg-

samento, de que falta o poeta, fora das sugestões imperiosas das instigções, das necessidades, da paixão, da fome, a resposta já está feita: Associai, diremos, ao mesmo tempo a prudência e o sentimento. Associai! multiplicaie as vossas forças; centuplicaie vossos recursos, subjugaie esta natureza que vos escravizaria; domai por vossa união este mundo rebelde de que fareis vosso escravo.

Quaes serão as bases sagradas, indistricíveis deste contrato, ao qual os homens são convidados ao mesmo tempo pela natureza que os impelle e pela razão que os guia?

E' aqui que vai apparecer a justiça.

Nenhuma das pessoas que contractam pôde nem deve ser diminuida; respeito absoluto de cada pessoa por todas as outras, tal é a primeira condição;

A segunda condição é o concurso inteiro e sem reserva de cada um por todos, de todos por cada um;

A terceira — é que cada um seja posto pelo effeito do mesmo contrato em estado de proseguir seus fins próprios: nenhum deve ser um meio para qm' lquer outro.

Nunca sobrecarregar o homem pelo homem.

A apropriação das cousas e o exercicio da faculdade de capitalisar, que nós todos reconhecemos hoje, como sendo a propria condição da conservação e da perfeição da pessoa, longe de desaparecerem e de se enfraquecerem pela formação da sociedade, deverão fortificar-se em proveito de todos e de cada um.

Em uma palavra, a justiça, longe de exigir o sacrificio da propriedade individual, quer ao contrario que o contrato social não só sancione a propriedade nas mãos daquelles que a têm adquirido, mas ainda assegure a todos que a têm perdido ou que não a têm podido adquirir, o meio de conquistá-la pelo trabalho.

Nenhum compromisso, senão voluntario e revogavel.

O proprio principio, — a AUTONOMIA DA PESSOA — serve de base á Moral, á Politica, á Economica.

Se, em lugar de uma simples introdução á questão social, escrevessemos um tratado, deveriamos, sem deixar ainda a esphera de uma sociedade ideal onde nos temos até aqui conservado, deduzir as consequencias deste principio e submetter a este criterio absoluto: a manutenção da propriedade individual todas as questões secundarias: os contratos, a venda, a troca, o auxilio ao interesse, a aluguel de serviços ou o salariado; as maneiras de adquirir gratuitamente: doação, herança, testamento; o imposto: divida de cada cidadão para com o commum, para com o Estado, para com a Federação; a familia: deveres dos pais para com os filhos, dos filhos para com os pais, deveres dos esposos. — Por toda a parte teriamos de fazer ver as regras que a applicação do principio que acabamos de estabelecer deve destruir, manter ou crear: « o direito de propriedade individual baseado directamente sobre a pro-

pria base da moral: a autonomia da pessoa. »

Mas, por mais interessante que fosse este estudo, não podemos proseguir-o; elle nos taria muitas difficuldades ao fim que nos está traçado.

(Continua.)

A ESCADA DA PERDIÇÃO

POR

SILVESTRE DE LIMA

I

Cercada d'esses admiradores de luvas, que fazem honra ao romantismo que já ouve entorem-lhe o de profundis, sabia ter nos labios um sorriso especial para cada uma dessas phrases estudadadas.

No entanto ella — essa moça tão invejada, essa moça que gosara uma posição tão distincta na sociedade, eil-a agora occupando a ultima!

Mas como?... e mo descera ella essa escada até chegar a... degrão em que se achava?...!

Todas estas idéas tumultuarias passavam-me pelo cerebro, como no oceano se revolvem as ondas em turbilhão. Era pregio dar-lhe uma resposta —

— Como se achava nesta posição?... perguntei-lhe com uma voz energica.

Via-a então vacillar; as faces coraram-lhe, se é que a mulher perdida ainda pode ter pejo. Quiz fallar; mas a voz agarrou-se-lhe na garganta, e as lagrimas correram-lhe pelas faces.

II

Estavamos n'uma sala.

Ao centro uma mesa, ao fundo um sofá, algumas cadeiras e umas quintos dispostas pelas paredes — constituam os alicerces daquella sala.

Uma pequena lampada, a um canto, coava, atraxez de um vidro sujo, uma luz baixa, mortiga — e não querendo allumiar as scenas aviltantes que presenciava.

Essa lampada era como o espectro sinistro da perdição; que vellava a cabeceira do leito, onde exhalava o ultimo suspiro o pudor do coração humano.

Mas dentro daquella fogueira, onde se consumiam nas chaminas da devassidão — o pudor, a honra, a virtude; via-se o olhar feroz de um fantasma que sangra sempre e em toda parte o coração do crime: — a consciencia humana.

Debalde Muiher procura suffocai-a com as es-pumas da embriaguez; o espectro, e Ronquo não dorme, e Muiher vacilla diante do olhar que Banquo lhe adia por entre a alegria do banquete.

Corria n'aquelle ambiente um ar nauseabundo, impregnado de exhalações morbidas.

Tudo era lugubre: o silencio, a hoga, o lugor.

En sentia o cerebro escaldando, no embate de tantas ideias contrarias que o agitavam n'esse momento.

Ao chegar do espirito seguia-se o enfraquecimento do corpo: as pernas fraqueavam-me. Tomei, portanto, assento na primeira cadeira que encontrei.

Ella — a infeliz perdida — sentada defronte do mim, ao soca, estava acabruha-la.

As miúdas palavras haviam tocado na ultima corda sensível, que, por ventura, ainda possa existir no coração de uma creatura prostituida.

Essas haviam talvez despertado recordações d'essa vida de entroveza passada no tranquillo seio da familia, e essas recordações punham-na. Creada no meio da sociedade, via-se agora sequestrada de todas as relações que a pudessem interessar.

O mundo é morto para a mulher perdida; por que o mundo é o theatro das aspirações do homem, e a mulher perdida não é d'ado ter aspirações.

Enquanto eu fazia estas considerações, a hora adiantava-se; era necessario lembrar áquella mulher o compromisso que havia contraído para comigo em relação a sua historia. Dirigi-me a ella.

A minha voz despertou-a do entorpecimento em que se achava. Olhou-me.

A luz do lampião esbateu-se em cheio no seu rosto. Pude então apreciar como em pouco tempo a vida desregrada do lupanar já tinha impresso, naquella face juvenil, os signaes de uma velhice prematura.

As grandes rugas, que ali se viam eram como o caminho que a infancia havia percorrido, deixando bem furos os traços do seu coturno inextinguivel e fatal.

Tinha o semblante decomposto, macilento, cadaverico. A immensa pallidez attestava a anemia que já começava a invadir aquelle organismo.

O olhar indolente e vagaroso, parecia prevendo a enchega do hospital, e logo adiante a valla common, para onde vão aquelles que não

têm um lençol em que se envolva o seu cadaver.

Depois de me ter perguntado que não a interrompasso, pois não queria esquecer um só ponto, contou-me a sua vida.

III

Havia um baile em casa de sua familia. Era elle a rainha da festa, pois n'ella commemoravam o seu anniversario natalicio.

O salão *ad hoc* estava ricamente preparado. Dous candelabros suspensos, um em seguida do outro, no centro do tecto, espalhavam uma luz scintillante e pura.

Bellas quadros e espelhos, que pareciam duplicar as pessoas que se moviam confusamente, viam-se dispostos em orleas pelas paredes adomscadas.

Dous reposteiros de seda, collocados em uma e outra extremidade, davam entrada para uma sala de fumantes e um gabinete para a toilette das senhoras.

A festa estava concorrida.

Grande numero de familias, que haviam accedido ao convite, enchiam o vasto salão, que rebrgitava.

As damas trajavam elegantemente vestidos que deixavam apparacer os seios inteiramente nus, e passeavam pelo braço dos pares, aprastando immensas e exageradas caudas pelo tapete que forrava completamente o assoalho.

A orchestra deu o signal de uma walsa.

Elvira conversava nesse momento com algumas amigas, que estavam sentadas nas cadeiras, collocadas ao fundo.

Um moço, que mostrava ter vinte annos, alto, magro, todo frisado e empomadado, caminhou em direcção ao lugar em que ella se achava.

Trajava casaca e calças pretas, finas, bem talhadas, e gravata branca.

Com os passos marcados como por musica seguia encolhando elegantemente os braços para apanhar os punhos que se haviam occultado, apresentando-os depois alvos, corcacos, deslumbrantes.

Assobiando ridiculamente os — as — pela fresta dos dentes, repetio a Elvira um discurso, de que elle mil vezes já tinha usado em occasiões identicas, pedindo a honra de tel-a como par.

Ella promptamente accedeu. O elegante offerreceu-lhe o braço com o sorriso nos labios, e caminhamos ambos para o centro da sala, onde os pares já se achavam enfileirados.

Elvira nesse dia trazia um vestido branco, excessivamente decotado. Sentia as faces enrubescidas, ardoendo em febre.

A orquestra começou de despedir as notas delirantes da walsa. Apoiada no braço do seu pai, Elvira deixou-se levar n'aquelle frenesi doido, infernal.

Distanciaram-se dos pares: foi quando ella ouviu estas palavras — amor!... paixão!... — a resvalar com elle pelo ouvido.

A musica tinha cessado de tocar. Os cavalheiros conduziram as damas para o fundo da sala, onde lhes offereceram assento.

Eram duas horas da madrugada. Os ultimos convidados despediam-se para retirar-se, quando Alvaro (o moço que já conhecemos) aproximou-se por sua vez. Aproveitando a confusão do povo que se retirava, chegou-se para bem junto de Elvira e disse-lhe com uma voz baixa, que ninguém poderia ter ouvido:

—Hoje!... ás tuas horas!...

Comprimetou a todos e retirou-se.

Elvira dirigio-se para a sua camera. Pelo seu andar reconhecia-se a agitação em que se achava. Sobreantada despiu-se e atirou-se ao leito.

Dahia uma hora já o silencio se havia estabelecido naquella casa, ainda ha pouco, tão frequentada.

A moça não tinha podido conciliar o somno, pensando nas ultimas palavras que ouvira. Abriu-se nesse momento a porta do quarto. Reconheceu então a figura de Alvaro; alguma escrava comprada por elle, lhe havia deixado a porta aberta.

Elvira tinha gosto pelas conferencias amorosas; e pelo espirito de aventura, que tinha aquella, não quiz gritar. Alvaro aproximou-se do leito; fallou.

Tinha na voz a suavidade do lamento, que commove.

Fallou e fallou muito. Elvira pareceu adormecer ao som d'aquelle voz de sereia.

Ouvio-se então um ar: foi o estalar de um beijo. Depois o silencio... as trevas... nada mais...

IV

Elvira tinha dado o primeiro passo, o ultimo não estava longe.

D'ahi a alguns mezes era mãe. A roda é o lugar dos filhos que não têm pai: o seu tambem foi para a roda.

Até então havia apenas perdido a honra; agora

perdia o coração, porque abandonava o seu proprio filho.

Pouco tempo depois, pedida em casamento por um moço que acabava de formar-se em medicina, ousou estender a sua mão deshonrada aquelle que terminava uma lueta gloriosa, e entrava cheio de esperanza para a vida social.

A consequencia era logica: no dia seguinte ao do casamento o marido expatriava-se.

Reduzida á deshonra via-se ultimamente a braços com a miseria, perquantos seus pais deixaram para sempre o Rio de Janeiro. Sabia apenas tocar piano; mas com este officio nada poderia ganhar, visto o seu procedimento.

A vida que mais de prompto lhe appareceu foi a do hupinar: o que não affrontaria uma mulher que já havia affrontado a infamia?

Seguiu-a; eis porque a encontrava n'aquelle lugar.

Acabavam de soar cinco horas da madrugada, quando ella terminou a sua historia.

Retirei-me.

V

N'um dia em que se tratava de uma operação difficilissima o hospital da Santa Casa da Misericordia regorgitava de povo.

Estudantes, curiosos, senhoras, formavam a grande multidão que ali se via. Eu lá estava tambem, levado pela curiosidade.

Emquanto concluiam os preparativos para dar começo á operação, eu corria os olhos por aquella porção de camera, que seguia, em linha quebrada, as paredes do salão.

Vi em uma d'ellas um vulto que parecia mais esqueleto que um ente humano.

Aproximamente: era Elvira que ali consumia as ultimas horas que lhe restavam. O peito apenas movia-se, acompanhando a respiração cansada. Dentro havia um vago murmúrio, como o rouquejar profundo da desgraça.

Os olhos encovados pareciam dois abysmos onde havia talvez as oscillações da morte.

Os ossos da face, salientes, davam um ar cadaverico aquelle rosto de mulher.

Não me conheceu. O veu da morte já começava de entorpecer aquelle olhar, que antevia os horrores do nada.

Eu pensei no mundo ao contemporal-a.

Aquella mulher já tinha passado por todas as condições: desde a do aristocrata, que deslumbra pela riqueza, até a do mendigo que implora

uma enxerga immunda onde exhale o ultimo suspiro da vida.

Um ai agudo veio perturbar o meu pensamento. A desgraçada que soffrera a operação, voltando aos dominios da sensibilidade, soltara esse grito penetrante de dôr.

Sahi do hospital.

D'ahi a alguns dias um cadaver era atirado á valla commun miseravelmente: esse cadaver, eu soube, era o de Elvira.

E assim terminou essa existencia agitada pela tempestade do vicio, depois de ter descido até o ultimo degrau da escada da perdicao, onde a sua educaçao a precipitou.

ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

Á CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. F. DAS NEVES

III

0 Bafo

No dia immediato ao da cerimonia do *Gagá*, o caçador toma *bafo* e mata um cabrito, que o *gagá* já tem indicado se deve ser macho ou femêa.

O *bafo* é um banho de estufa, de que os pretos usam para combater varias enfermidades; tomam-o tambem sempre que empreendem alguma viagem ao interior. É preparado da seguinte maneira: — Põem ao fogo uma panela grande, cheia de agua. A tres passos do brazeiro armam, com cobertores e capelanas, um cubiculo, onde só este em pé um homem. Apenas a agua ferve, o caçador entra para o cubiculo, onde tambem mettem a panela com a agua. Os vapores que emanam d'ella produzem effeitos extraordinarios. Torna-se tão copiosa a transpiração do corpo, que o preto fica escorrendo, como se sobisse momentaneamente de um rio. O *bafo* dura apenas cinco minutos. Depois desmancham rapidamente o cubiculo e deitam uma grande porção de agua fria sobre a cabeça e corpo do caçador, a fim de evitar que elle se constipe.

Concluido o *bafo*, procede-se á immolação do cabrito, que amarrado a uma arvore, não cessa nunca de girar, adivinhando, talvez, a sorte cruel que o espera.

Effectivamente o caçador, que tem entrado na palhoça, apenas enchega o corpo, sac com o ferro mortifero em punho, e dirige-se a passos lentos sobre a victimasinha. Neste momento o *gagá*, cuja presença é indispensavel, pronuncia algumas palavras funebres. Quando elle acaba, o caçador atira a bazuca e erava-a na espada esquerda do animal, atravessando-lhe o coração. O cabritinho desprende um baido abafado; o sangue jorra-lhe immediatamente pelas ventas; vacilla um instante, e cae sem vida. Durante o curto esterior do animal, o caçador tem estado sentado no chão, com os braços cruzados sobre os joelhos e a azagaia debaixo dos pés.

Dois rapazes se apoderam immediatamente da rez, que a estolam de prompto. Extrahidos os intestinos, partem a carne em pedaços, que aguçam em cima da pelle de envolta com as tripas. Em seguida participam ao caçador a conclusão da tarefa. A cabeça do cabrito fica logo sendo propriedade dos dois rapazes.

A grande cerimonia é celebrada nesta occasião.

IV

Os santos oleos dos pretos

Assim como os catholicos têm os seus santos oleos, com que purificam a alma, tambem os pretos têm os seus, que só são validos quando applicados pelos seus sacerdotes — os *gagá*s. — Com a differença, porém, dos catholicos se contentam de purificar o corpo e alma somente no baptisimo e nos perigos das enfermidades, enquanto que os pretos soccorrem-se d'elles muitas vezes.

O *gagá*, apenas o caçador lhe communica que o cabrito está desmanchado, tira da sua botica uma raiz virtuosa, da qual extrae, com uma azagaia, algumas raspas que mette na bocca. Em seguida dirige-se ao lugar onde se acham as tripas do cabrito, e do intestino que contem a comida ainda mal digerida, tira um pouco do conteúdo, que mette tambem na bocca, mastigando-o de envolta com as raspas da raiz. Vaé depois para uma extremidade da povoação, e d'aí, em termos commoveentes, exorta a alma do progenitor do caçador, a fim de o guiar e preservar de qualquer perigo que porventura lhe sobrevenha na viagem bue vaé encetar. Acabada a oração expelle da bocca, para a frente, para a direita e para a esquerda, as raspas da raiz conjunctamente com o alimento mal digerido do cabrito.

O *gagá* executa esta cerimonia completamente nú. Alguns vezes que assisti a este acto, e que observava a refinadissima hypocrisia d'estes patifes, que são geralmente coxos, vesgos ou corcandados, tinha vontade de pegar n'um pau e endireitar-lhe bem as costas. Motivos muito justos me assistiam para proceder assim contra aquelles velhacos, que, por intervenção dos caçadores, me spanharam grande porção de peças dehasenda e centenas de garrafas de aguardente.

Immediatamente á cerimonia o *gagá* tira da sua bem fornecida botica duas cabecinhas, que contem os Santos Oleos, os quaes são negros como o carvão. Vasa num caco uma porção de cada uma, mistura-lhe algumas raspas de raiz virtuosa, e mexe tudo com os dedos. Nesta occasião profere um discurso apropriado á situação, traçando com os santos oleos, na testa do caçador uma cruz, outras nas costas e peito, e uma pequena n'um braço, concluindo assim a cerimonia. Desde então o caçador fica sacramentalmente habilitado a fazer viagem. Purificado o corpo, pouco ou nada tem a reutiliar; excepto algum caso tão intrincado e difficil de prever, que escapasse ao *gagá*. Terminada a cerimonia, sentam-se debaixo da arvore todos os assistentes. O *gagá* continua a receber as maiores provas de deferencia e distincção. Só elle goza da regalia de sentar-se na esteira. D'esta vez, porém, é heito ao caçador sentar-se junto d'elle, excepto se tem ainda pai, porque em tal caso é este que fica junto do *gagá*, e aquelle vaé sentar-se entre as demais pessoas.

Antes de findar a cerimonia já a carne tem sido posta ao fogo em uma grande panela, servindo-lhe outra de cobertura, e ficando as bordas de ambas hermeticamente tapadas com excremento do cabrito.

As tripas, que é do cabrito, bem como dos outros animais, e que os pretos mais apreciam, são assadas pelos

dois rapazes, que as apresentam ao caçador depois de todos sentados. O caçador dá metade d'ellas ao *gagista*, que as devora n'um momento. Deve notar-se que as tripas são assadas sem serem lavadas. Dizem os pretos, que se fossem lavadas perderiam a melhor gordura e não seriam tão gostosas (sic). O resto das tripas é distribuido aos assistentes.

Depois de as acabarem de comer vai o caçador á palhota e traz duas garrafas de aguardente, dando uma ao *gagista*, e outra aos assistentes, que bebem logo. Vem em seguida a panela com a carne já cozida. O caçador tira d'ella uma porção, que manda ás suas mulheres, e o resto, do qual a melhor parte é para o *gagista*, entrega-o aos assistentes. No caldo, que bebem por fim, vêem-se boiando pedacinhos de excremento... Todos se despedem então do caçador manifestando-lhe os bons desejos, que têm, de que elle faça boa viagem e mate muitos elephantes.

Concluidas as ceremonias, os caçadores vinham parlicipar-me que estavam desembaraçados e promptos a marchar. Eu então designava-lhes o dia da partida e a povoação onde haviam de pernitar.

(Continúa)

LITZ

Tu, que viste a teus pés os glorias deslumbrantes,
Que arrancaste a Mozart harmonicas segredos,
Que viste a Europa acaia suspensa de teus dedos,
E que ao piano curvaste os mundos offegantes;

Tu, que arrancavas sons n'ans impetos febris,
Alma de artista, enorme, esplendida, sonora,
Que vibravas, tocando, uas fremitos de aurora,
E foste o grande heroe das noites de Paris;

Tu, que foste uma vez n'um celebre desdem
Victorioso rival do magico Chopin,
E tinhas já creado um bello nome eterno,

Não suportaste a luz no teu deslumbramento—;
—Preferiste ao Pauleton as sombras de um convento,
E és hoje simplesmente... o conego d'Alberno!

S. Paulo, 1879.

F. D'ALMEIDA.

MISERIA

A F. D'ALMEIDA

Não tens notado aquelles papagaios
Que as creanças se aprazem de soltar
Para ver como o vento, que os agita,
Os faz ora subir, descer, voar ?!

Impellidos do vento, adejam, pairam,
Potem o proprio peso os faz descer ;
Sobem inda, debatem-se, voltam,
Depois, vem a acabar por se romper.

Eu tambem sou assim—se em certas horas
—Como o vento o papel sustenta no ar—
Alguma idéa nobre, boa, séria,
Tenta os meus pensamentos elevar.

Vem a duvida, o spleen, um tedio eterno.
Esse bom pensamento destruir—
E o homem-alma caega, desfallece,
E o homem-hesta continúa a rir !...

Campinas, 1879.

LECIO RIBEIRO.

REVISTA COMMERCIAL

PRIMEIRA QUINZENA DO MEZ DE NOVEMBRO DE 1879

O movimento da Bolsa, no correr d'esta quinzena, foi bastante limitado em operações realizadas, excepção feita dos Fundos Publicos, com os quaes effectuaram-se transacções regulares. Pouco regular esteve, no mesmo periodo, o mercado de cambio que fechou muito firme sobre Londres, á seguinte cotação :

CAMBIOS :

Sobre Londres, taxa bancaria. 22 d/ a 90 d/v.
» Paris 433 por fr. » »
» Hamburgo 536 » m. » »
» Portugal 243 á vista.

METAES :

Subgrupos	Preços extremos—De venda—	De compra—	Negociado
Maximo	11\$270	11\$250	11\$270
Minimo	11\$230	11\$180	11\$180

FUNDOS PUBLICOS:

Aplicar	Maximo. 1:030\$	1:030\$	1:030\$
Geraes de 6 % (1879)	Minimo. —	1:027\$	1:028\$
Emprestimo Nacional de 1879	Maximo. 97 1/2%	97 1/8%	97 3/8%
	Minimo. 97 3/8%	97%	97%

LETRAS HYPOTHECARIAS

Banco do Brasil	(10 c.) Preço minimo	90 1/2%	86%	88%
	(11 c.) »	»	88%	83%
« Fidelity »	»	»	78%	75%

ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS

Bancos	Preço minimo	258\$000	258\$000
Brasil	«	214\$000	205\$000
Commercial	«	«	«

Commercio..	preço minimo	100\$000	185\$000	—
Industrial..	« «	210\$000	200\$000	210\$000
Mercantil de Santos...	« «	202\$000	200\$000	—
Produtiva..	« «	—	110\$000	—
Rural	« «	230\$000	230\$000	231\$000

COMPANHIAS D ESTRADA DE FERRO

Leopoldina..	Preço minimo	200\$000	195\$000	198\$000
ditas (subsidiarias)	« «	206\$000	204\$000	206\$000

Macaé e Campos...	« «	70\$000	60\$000	60\$000
Paulista...	« «	167\$000	150\$000	—
S. Paulo e Rio de Janeiro..	« «	190\$000	175\$000	—
ditas (subsidiarias)	« «	20\$000	13\$000	—
ditas (com direito a subsidiarias)	« «	210\$000	190\$000	—
Sorocabana..	« «	—	—	—
Deb. de 5%	« «	80 %	—	—

COMPANHIAS DE BONDS

S. Glastonham.	Preço minimo	292\$000	280\$000	290\$000
Urbanos(carris)	« «	208\$000	204\$000	209\$000
Villa Isabel..	« «	—	180\$000	—

GENÉRIOS

Café arábica

Entrada durante a quinzena	13.600 saccas
Entrada durante a quinzena	204.680 «
Entrada durante a quinzena	188.770 «

Calculamos que a existencia em 15 do corrente fosse de 285.000 saccas.

Durante a quinzena despacharam-se 19.371 saccas no valor de Rs. 710.891\$840

EMBARQUES DE 1 A 15 DE NOVEMBRO

Canal, Norte e Mediterraneo	—saccas	10.901
Cabo Verde	«	—
Estados Unidos	«	140.385
Diferentes portos	«	1.167

Total 28.453 saccas

Preços extremos em 15 de Novembro.

Qualidades	Por arroba	Por kilo
Lavado	10\$000 a 12\$000	681 a 817
Superior	10\$200 a 10\$500	694 a 714
1ª Boa	9\$700 a 9\$900	660 a 674
Primeira	9\$300 a 9\$500	633 a 646
Regular	8\$600 a 8\$800	585 a 612
2ª Boa	7\$800 a 8\$200	531 a 558
2ª Ordin.	7\$200 a 7\$600	490 a 517

Asucar: — Relatamos vendas mais que regulares em assucar mascavo de Campos, para embarque e consumo, e bem assim as brancas dos engenhos contrahentes para consumo, feita com firmeza os preços de cotações. Continua ainda a falta de genero de Aracaju, Pernambuco; e de Maceio apenas entrou uma pequena quantidade de que se esperam as amostras.

Cotamos brancos engenhos contrahentes	300 a 305
» mascavimbo	237 a 230
» mascavo	168 a 211

Vende-se durante esta quinzena cerca de 30.000 saccos de Campos e ficam em ser 10.000 saccos.

Fumo: — O mercado continua paralisado, como consequencia da grande existencia em primeiras e segundas mãos, não só n'este, como nos mercados consumidores do norte e sul do Imperio, como ainda a falta de vendas no Rio da Prata, motivada pela grande concurrencia que fazem ao de Brazil os fumos procedentes da America do Norte. Hoje, pois, uma baixa sensivel nos preços de nossa anterior revista. O mercado fechou, no periodo que mencionamos, com as seguintes cotações:

Corumbá	1.400 a 1.750	por kilo
Rio Novo	1.400 a 1.400	» »
Pombal	800 a 1.000	» »
Bacupary	500 a 700	» »

Touzal de Minas: — O mercado acha-se bastante suprido, o que deu lugar a baixa de preço. O mercado fecha firme a cotação de 440 a 560 por kilo.

Touzal de S. Paulo: — D'esta procedencia não ha no mercado.

Queijos de Minas: — Cotamos, 800 a 1200.

Aviso

Toda a correspondencia deve ser dirigida a redacção, rua L. de Murgos n. 78, sobrado.

Recebem-se annuncios para a capa, ao preço de 5\$000 por cada oito centímetros de altura, ou 15\$000 por anno, para o mesmo espaço — como se vê dos dois inserios na capa d'este numero.